

O IMPERIALISMO BELGA NA LITERATURA E NO CINEMA

BELGIAN IMPERIALISM IN LITERATURE AND CINEMA

JOSÉ ALVES DE SOUZA JUNIOR

Professor Associado IV da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Amazônia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Pará (1976), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1998) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009).

ANALUZ MARINHO GONÇALVES

Estudante de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará e bacharel em Design de Produto pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia

ANDRESSA DOS SANTOS FREITAS

Estudante de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará e licenciada plena em Geografia pela Universidade Estadual do Pará.

RESUMO

O artigo tem como intuito abordar as obras *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, e *Tarzan*, de Edgar Rice Burroughs, relacionando ambas com o imperialismo belga na África durante a passagem do século XIX para o XX. Dessa forma, além de serem levantadas as similaridades entre ambos os livros, é contextualizado o período em que foram produzidos, em conjunto com a experiência imperialista de cada autor. Ademais, são destacadas as principais adaptações cinematográficas de cada obra, em que se busca entender sua conexão com o período em que tais filmes foram produzidos e identificando as modificações implementadas.

Palavras-chave: Coração das Trevas; Edgar Rice Burroughs; Imperialismo; Joseph Conrad; Tarzan

ABSTRACT

The article aims to address the works *Heart of Darkness*, by Joseph Conrad, and *Tarzan*, by Edgar Rice Burroughs, relating both to Belgian imperialism in Africa during the passage from the 19th to the 20th century. In that way, in addition to admitting the similarities between both books, the period in which they were produced is contextualized, together with the imperialist experience of each author. Besides, the main cinematographic adaptations of each work are highlighted, seeking to understand their connection with the period in which such films were produced and identifying the integrated modifications.

Keywords: Heart of Darkness; Edgar Rice Burroughs; Imperialism; Joseph Conrad; Tarzan

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 IMPERIALISMO; 2 OS LIVROS *CORAÇÃO DAS TREVAS* (1899) E *TARZAN* (1912) COMO RETRATO DO IMPERIALISMO; 3 AS OBRAS CINEMATOGRAFICAS *APOCALYPSE NOW* (1979), *TARZAN OF THE APES* (1918) E *A LENDA DE TARZAN* (2016); CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

O imperialismo foi uma prática de expansão política, econômica, territorial e cultural que visava o fornecimento de insumos para a Europa com base na exploração de suas colônias, possibilitando a industrialização das metrópoles. Neste artigo, será abordado o imperialismo belga, cujos domínios eram feitos em nome do rei Leopoldo II. Mais especificamente, pretende-se abordar o território do Congo, subjugado pela Bélgica em 1885 e o qual é cenário das obras *Coração das Trevas* e *Tarzan*, respectivamente escritas por Joseph Conrad e Edgar Rice Burroughs.

Ainda na condição de herdeiro do trono belga, Leopoldo irritava-se com o tamanho do país e da população que iria governar, *petit pays, petit gens* (país pequeno, gente pequena). Isto o levou a voltar-se para o exterior, passando a viajar por várias regiões, como os Balcãs, Constantinopla, o Egeu e o Egito, em busca de oportunidades imperiais, e, ao retornar, apontava que a Bélgica poderia ter um importante papel no comércio mundial¹.

Leopoldo, aos 27 anos, passou um mês em Sevilha, pesquisando na Casa Lonja, onde estão reunidos os documentos relacionados às conquistas espanholas na América, com o objetivo de entender como a Espanha constituiu um vasto império e qual a dinâmica do comércio espanhol. Seu apetite imperialista foi aguçado pelo que aprendeu da experiência espanhola, o que o levou a empreender inúmeras viagens, visitando as colônias inglesas do Ceilão, da Índia e Birmânia, e as colônias holandesas das Índias Orientais. Tais viagens reforçaram sua obsessão de que “A Bélgica precisa de uma colônia”².

Segundo Hochschild:

Leopoldo investiu na Companhia do Canal de Suez. Pediu a um assistente que tentasse adquirir Fiji porque não convinha “deixar uma presa tão bela escapar”. Andou vendo ferrovias no Brasil e pensou em arrendar território na ilha de Formosa³.

Em 1876, Leopoldo II convocou a Conferência Geográfica, que se realizou em Bruxelas e contou com a participação de exploradores famosos, geógrafos, filantropos, homens de negócios e militares europeus. Nela foi aprovada a criação da Associação Internacional Africana, cuja

¹ HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África colonial* / Adam Hichschild; tradução Beth Vieira – São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 46.

² Idem, pp. 47 e 48.

³ Ibidem, p. 48.

presidência foi entregue a Leopoldo, que, no discurso de boas-vindas aos convidados, deixou claro que seus interesses pela África eram, essencialmente, altruístas, pois pretendia “abrir para a civilização a única parte do globo ainda infensa a ela, penetrar na escuridão que paira sobre povos inteiros, é, eu diria, uma cruzada digna deste século de progresso”⁴.

Em 1878, utilizando os serviços do explorador inglês Henry Morgan Stanley, que, anos antes, havia percorrido o rio Congo, Leopoldo II deu início à apropriação da região da África central, que passou a ser denominada pelo nome do rio, Congo, cuja riqueza maior a ser explorada era o marfim. Stanley, por meio de “tratados” assinados com chefes tribais, comprou terras, mão de obra, retornando à Europa, em junho de 1884, observando que a partilha da África havia começado; a França tinha estabelecido uma colônia na margem norte do rio Congo, a Alemanha reivindicava colônias na África, a Inglaterra apoiava as exigências de Portugal referentes aos seus direitos na região do Congo⁵.

Diante das ameaças representadas pelos outros países imperialistas, Leopoldo II espalhou emissários pela Europa, realizando um verdadeiro *lobby* par que suas pretensões sobre o Congo fossem aprovadas na Conferência de Berlim, convocada por Otto Von Bismarck, o todo poderoso ministro alemão. Iniciada em novembro de 1884 e terminada em fevereiro de 1885, a Conferência aprovou que o Congo fosse reconhecido como propriedade privada de Leopoldo II, que, por decreto real de 29 de maio de 1885, criou o “Estado Independente do Congo”⁶.

Aliás, vale ressaltar que a dominação no Congo belga se destaca como uma das mais violentas do imperialismo, em que cerca de dez milhões de congoleses morreram de forma direta ou indiretamente ligada à exploração imperialista, fosse por execuções, submissão a trabalhos desumanos ou a doenças (ainda, é sabido que a ganância pela borracha - posterior ao marfim - no continente africano introduziu um castigo implementado pelos belgas que perdura até a atualidade: o decepar de mãos ou antebraços)⁷.

De modo crítico ao sistema imperial, Joseph Conrad apresenta, na obra *Coração das Trevas*, temáticas que vão além deste tema, perpassando pelos abismos da mente humana, pelo medo do desconhecido e pela violência que o homem comete em defesa da “civilização”, além da própria

⁴ HOCHSCHILD, 1999, p. 57.

⁵ HOCHSCHILD, 1999, p. 84.

⁶ HOCHSCHILD, 1999, p. 93 a 97.

⁷ FIGUEIREDO, Filipe Nobre. **Apresentação**. In: CONRAD, Joseph. *Coração das Trevas*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019, p. 8.

normalização desses atos brutais⁸. Assim, este é um livro que pode ser lido sob mais de uma perspectiva: seja como uma aventura em direção à selva africana, seja como uma denúncia da realidade lá encontrada. Burroughs também apresenta uma complexa obra com temáticas que perpassam pelos questionamentos acerca da hierarquia social (tendo em vista que, inicialmente, Tarzan cresce, fala e percebe o mundo como símio), pela disputa entre determinismo físico e o biológico, entre outros⁹. É um livro que também pode ser lido sob mais de uma perspectiva: seja também como uma aventura na selva africana, seja como uma tentativa de mostrar a superioridade hereditária do homem branco europeu (em especial o inglês) face à adversidade.

Portanto, neste artigo, propõe-se uma comparação entre os livros *Coração das Trevas* e *Tarzan*, mostrando como as obras são baseadas nas visões europeias sobre si e sobre o “outro”, principalmente os povos africanos, que estão cercadas de concepções preconceituosas e estereotipadas, muitas vezes baseadas em ideologias eugênicas, racistas e deterministas (naturais ou sobrenaturais). Para tal, utiliza-se da bibliografia já produzida sobre os temas, voltando-se majoritariamente para livros e artigos científicos, além das próprias obras mencionadas.

Com isso, a estrutura do artigo segue por uma conceituação do imperialismo no primeiro tópico, abordando suas definições e interpretações e também a modalidade aplicada pela Bélgica no continente africano; já no segundo tópico, aborda-se diretamente as obras *Coração das Trevas* e *Tarzan*, maiores objetos de estudo deste material, e como ambos representam a visão imperialista europeia da época; por último, o foco é voltado para as adaptações cinematográficas de ambas as obras, relatando-se as mudanças e permanências na transposição para o audiovisual e contextualizando com a época de produção das mesmas.

1 IMPERIALISMO

A expressão “imperialismo” surgiu na França e possuía dois significados: a) na década de 1830, correspondia aos partidários do “império” criado por Napoleão Bonaparte; b) por volta de 1848, correspondia às denúncias em relação às pretensões “cesarianas” de Luís Napoleão (também conhecido como Napoleão III da França). Já na Inglaterra, na década de 1870, possuía, também,

⁸Ibid., p. 9

⁹LINS, Thiago. Apresentação – Por uma vida de aventuras. In: BURROUGHS. Edgar Rice (1875-1950). *Tarzan*: Edição Comentada e Ilustrada. Apresentação, tradução e notas Thiago Lins. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014, p. 7-8.

dois significados: a) crítica à política desenvolvida por Benjamin Disraeli, que visava construir uma “federação imperial”; b) destacar o caráter civilizatório do expansionismo inglês.

Foi no contexto de estudar e compreender o Imperialismo Britânico e seu impacto mundial que, do final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), surgiram as chamadas Teorias Clássicas do Imperialismo. Elas correspondiam a interpretações econômicas que buscavam explicar que entre Imperialismo e Capitalismo: a) a existência de uma separação entre ambos, no qual o primeiro seria mais antigo que o segundo – diz respeito aos teóricos liberais; b) a existência de um vínculo orgânico entre ambos - diz respeito aos teóricos marxistas.

As Interpretações Liberais possuem como principais representantes: a) John Hobson, com a obra *Imperialismo: Um Estudo*, publicada em 1902; b) Norman Angell, com a obra *A Grande Ilusão*, publicada em 1909; c) Joseph Schumpeter, com a obra *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, publicada em 1912.

Já as interpretações marxistas possuem como principais representantes: a) Rudolf Hilferding, com a obra *O Capital Financeiro*, publicada em 1910; b) Karl Kautsky, com a obra *O Imperialismo*, publicada em 1913; c) Rosa Luxemburgo, com a obra *A Acumulação do Capital*, publicada em 1913; d) Nicolau Bukharin, com a obra *A Economia Mundial e o Imperialismo*, publicada em 1917; e) Vladimir Lenin, com a obra *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, publicada em 1917.

Salvaguardando algumas discussões e discordâncias específicas realizadas pelos representantes de cada teoria, pode-se dizer que, enquanto as interpretações liberais procuravam destacar questões relacionadas à utilidade econômica ou não de uma expansão territorial, de modo a dissolver qualquer relação existente entre o sistema capitalista e o Imperialismo; as interpretações marxistas procuravam mostrar a existência de uma relação entre o mesmo e sistema econômico já citado, assim como diferenciá-lo do colonialismo mercantilista e “ressaltar o caráter crescentemente parasitário do capitalismo avançado”¹⁰.

Seguindo a linha dos teóricos que associam imperialismo e capitalismo, seria a crise deste último, a partir de 1873, que desencadearia a dominação colonial, resultante da expansão territorial. Portanto, o “Pânico de 1873” (como ficaria conhecido o período) acabaria por alterar a organização

¹⁰MARIUTTI, Eduardo Barros. Interpretações clássicas do imperialismo. Texto para Discussão. **IE/UNICAMP**, Campinas, n. 216, fev. 2013, p. 41.

econômica e financeira do capitalismo, assim como redefinir o equilíbrio político e militar a nível global (o que posteriormente culminaria com a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918)¹¹.

Para além do quesito econômico, quando se fala de imperialismo na África, não se pode deixar de lado o caráter social e racial envolvido no empreendimento. Não é novidade o fato de que os europeus se sentiam superiores e mais civilizados que as populações africanas, consideradas selvagens. Reflexo disso seria a própria obra do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel,¹² ainda em 1831, que considerava que os negros eram filhos de uma terra obscura e desprovida de história, sendo a África incapaz de conduzi-los à objetividade de pensamento que os levaria a Deus ou ao Direito. Deste modo, para Hegel, havia o claro afastamento entre o negro e qualquer traço de humanidade, reduzindo-o a algo não-humano,¹³ traço que se percebe comum na mentalidade europeia do século XIX.

Para o presente trabalho, usaremos as definições elaboradas pelo teórico político Vladimir Lênin e pela filósofa política alemã Hannah Arendt sobre o Imperialismo. Usamos a definição de Lênin sobre as contradições vigentes no sistema capitalista, uma vez que, no processo de monopolização, as grandes empresas, em conjunto com os Estados, passaram a socializar as forças produtivas, algo que iria de encontro ao processo de apropriação privada dos meios de produção. Isso fez com que houvesse a ocorrência de “alterações nas bases do capitalismo, em que a livre competição, característica deste sistema, transforma-se no monopólio, com a dominação das grandes indústrias e concentração da produção e capital”¹⁴, o que possui relação direta com a crise da superprodução e subconsumo no fim do século XIX.

Para este autor, esse fenômeno possui como características básicas:

- 1) a concentração da produção e do capital elevada a um patamar tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, baseada nesse “capital financeiro”, da oligarquia financeira; 3) a exportação de capital, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire um

¹¹ALMEIDA, Silvio Luiz de. **IMPERIALISMO, COLONIZAÇÃO E RACISMO**. In: CONRAD, Joseph. Coração das Trevas. Rio de Janeiro: Antofágica. 2019. p. 270-271.

¹²Cf HEGEL, G. F. W. **Filosofia da História**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

¹³Ibid., p. 267-268.

¹⁴AYALA, Camila Taís. **O surgimento e a internacionalização do HIV a partir do colonialismo: os casos da República Democrática do Congo e da África do Sul**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Relações Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2021, p. 17.

significado particularmente importante; 4) a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que dividem o mundo entre si, e 5) o término da partilha territorial do mundo entre as grandes potências capitalistas¹⁵.

Já Hannah Arendt afirma que o imperialismo levou à emancipação política da burguesia, classe que teria ascendido à posição dominante com as revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII, mas que, à época, não detinha o poder político (sendo representada pelos burocratas). Já no século XIX, a classe teria identificado que, da forma com que o Estado se configurava, não era possível o crescimento almejado para o capitalismo, o que propiciou um cenário para disputas de poder entre Estado e burguesia. Nisso, surgiria o imperialismo, pautado no crescimento econômico como uma das leis que regem o capitalismo, e, através dele, os burgueses pretendiam expandir seu capital para novos territórios, ainda que não tivessem pretensão de criar corpo político nos locais. Assim, ao se apropriar do Estado, a burguesia transformou os seus interesses privados em interesses públicos, ou seja, a expansão territorial tornou-se a principal pauta das políticas externas dos Estados imperialistas. Além da exportação de poder, exportou-se também os instrumentos de violência do Estado, que passaram a ser constantes na administração das colônias¹⁶ e, com isso, Arendt entende que o imperialismo corresponde à “compreensão burguesa da política, consoante a qual a política não deve ser mais que uma força policial bem organizada”¹⁷.

Esta prática visava a expansão do capital para países não capitalistas e teria ajudado a exacerbar o nacionalismo dos europeus destinados às colônias, os quais eram considerados “ralé” em sua terra natal, devido à condição de desemprego gerada pela crise de superprodução e de subconsumo. Porém, fixada em novo território e munida de poder, esta população se tornava extremamente nacionalista, além de opressora para com os nativos. Nesse sentido, entra em tópico a questão da ideologia racial (pautada no já instituído darwinismo social), a qual guiou as práticas imperialistas na política de expansão¹⁸.

O Darwinismo Social, elaborado pelo filósofo Herbert Spencer, pregava que apenas os mais aptos sobreviveriam, seja física ou intelectualmente (por “aptos”, leia-se o branco europeu em

¹⁵LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo** [recurso eletrônico]. Ensaio de divulgação ao público; [tradução Edições Avante!]; revisão da tradução Paula Vaz de Almeida. 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2021. recurso digital (Arsenal Lênin ; 50), p. 79.

¹⁶ARENDR, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 153-252.

¹⁷SILVA, Adriano Correia. Arendt sobre Hobbes como o verdadeiro filósofo da burguesia. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERThesis**. 2015, v. 12, n. 01, p. 147.

¹⁸ARENDR, op. cit., p. 153-252.

detrimento dos nativos, que eram inferiores)¹⁹. Porém, a mesma corrente identificava que, assim como observado na Teoria da Evolução de Darwin, a espécie humana seria capaz de evoluir, e tal pensamento abriu precedentes para a implantação de hierarquias nas colônias (estando o homem branco claramente no topo, dado o seu “*status superior*”). Pautando-se nisso, compreende-se que é assim que se dava a organização política das colônias, assim como o domínio dos povos nativos.

Com base no contexto apontado por Arendt, fica claro o motivo de a autora identificar o intelectual Thomas Hobbes como o teórico do imperialismo, pois mesmo tendo vivido e publicado a famosa obra *O Leviatã* séculos antes do contexto imperialista a que Arendt se refere, este filósofo contratualista analisa o estado de natureza do homem, atribuindo-lhe uma visão negativa. Assim, para Hobbes, o homem no estado natural é mau e violento, havendo o predomínio do mais forte nos conflitos (elemento reafirmado no Darwinismo Social e na concepção dos nativos enquanto selvagens). Diante deste estado de natureza desprovido de segurança, em que os homens lutam entre si indiscriminadamente, surge o Estado como uma forma de garantir a segurança dos homens, os quais concedem parte de sua liberdade em troca, conferindo-lhe poder absoluto (estabelecendo o contrato social da troca de liberdade por segurança)²⁰.

Para Arendt, Hobbes também se enquadra como um filósofo da burguesia²¹ imperialista, ao afirmar que o Estado se origina a partir de interesses privados (que são transformados em interesses públicos), regulando a oferta e a procura de forma vantajosa para quem está no poder. Nesse aspecto, a relação entre Estado e burguesia pode ser identificada pela garantia de interesses que o primeiro oferecia à segunda, principalmente no que se refere à questão imperialista e ao papel desempenhado pelo Estado na expansão e no assentamento nos novos territórios. Assim, a autora descreve Hobbes como

o verdadeiro filósofo da burguesia porque compreendeu que a aquisição de riqueza, concebida como processo sem fim, só pode ser garantida pela tomada do poder político, pois o processo de acumulação violará, mais cedo ou mais tarde, todos os limites territoriais existentes. Previu que uma sociedade que havia escolhido o caminho da aquisição contínua tinha de engendrar uma organização política dinâmica capaz de levar a um processo contínuo de geração de poder. E, através de

¹⁹GLÓRIA, Pedro José Tótor da. Seria a teoria da evolução darwiniana domínio exclusivo dos biólogos? Implicações da evolução biológica para as ciências humanas. **Revista da Biologia**, 2009, p. 2.

²⁰REGO, Eduardo de Carvalho. Origens históricas do Leviatã: análise contextual sobre o papel da Revolução Inglesa na obra de Thomas Hobbes. In: **Encontro Nacional do CONPEDI - UFS (História do Direito)**, n.º XXIV, 2015, Aracaju, SE Publicações [...], p. 553-554.

²¹SILVA, 2015, p. 147.

simples voo da imaginação, pôde até esboçar tanto os principais traços psicológicos do novo tipo de homem que se encaixaria em tal sociedade, quanto a tirania da sua estrutura política. Previu como necessária a idolatria do poder que caracteriza esse novo tipo humano, e pressentiu que ele se sentiria lisonjeado ao ser chamado de animal sedento de poder, embora na verdade a sociedade o forçasse a renunciar a todas as suas forças naturais, suas virtudes e vícios, e fizesse dele o pobre sujeitinho manso que não tem sequer o direito de se erguer contra a tirania e que, longe de lutar pelo poder, submete-se a qualquer governo existente e não mexe um dedo nem mesmo quando o seu melhor amigo cai vítima de uma *raison d'état* incompreensível²².

O contexto político-econômico possibilitado pelo imperialismo levou países industrializados europeus a disputarem colônias de forma a resolver essa crise. Este é um dos diversos motivos para a realização da Conferência de Berlim (1884-1885), que possuía como finalidade, segundo o chanceler alemão Otto von Bismarck, “a garantia de liberdade de comércio e da navegação nos rios Congo e Níger e a conclusão de um acordo sobre os critérios de futuras anexações na África”²³.

Apesar de Bismarck explicar que a Conferência não abordaria a partilha territorial da África ou reivindicações territoriais, ocorreram discussões em relação ao reconhecimento do Congo Belga como Estado Independente, assim como o ponto mais polêmico da reunião, que consistiu em formular critérios que justificassem reivindicações coloniais, onde

A Alemanha e a França defenderam a diferença entre “anexação” e “proteção” e formularam o princípio da “ocupação efetiva” como condição para o reconhecimento de domínio colonial. Com a imposição deste princípio, assim pensavam ambos os Estados, poderia a hegemonia colonial da Grã-Bretanha ser contida, já que esta sempre preferiu fechar tratados de proteção mais flexíveis em vez de anexar as colônias formalmente. A Grã-Bretanha recusou o princípio da “ocupação efetiva” por protetorados e fez prevalecer suas idéias na Conferência. Após longa discussão, Bismarck uniu-se à posição da Grã-Bretanha e formulou o famoso capítulo VI da Ata Geral da Conferência, que mais tarde deu motivo para interpretações contraditórias. O Artigo 34 da Ata Geral estabelecia o dever de informar os outros Estados signatários em caso de uma ocupação de território colonial e o Artigo 35 formula o domínio efetivo como pré-condição para o reconhecimento das reivindicações coloniais – porém, somente em relação à posse futura de territórios nas costas da África²⁴.

O internacionalista Lorenzo Gontijo explica que as metrópoles europeias possuíam diferentes métodos de atuação para realizar o controle aos territórios colonizados, que poderia ser

²²ARENDDT, op. cit., p. 176.

²³DÖPCKE, Wolfgang. A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. **Revista Brasileira de Política Internacional [online]**. 1999, v. 42, n. 1, p. 83.

²⁴DÖPCKE, op. cit., p. 83-84.

feito de forma material e imaterial. A primeira correspondia à dominação política, militar, econômica e social, enquanto a segunda correspondia à dominação cultural, linguística, religiosa, educacional e indumentária. Tudo isso permitia, aos poucos, a aproximação e jugo dos colonizadores sobre os colonizados²⁵.

Uma característica comum a todos os sistemas coloniais foi o uso da já mencionada violência, para que o sistema econômico funcionasse de forma eficaz, no qual a diferença se encontrava na maneira com que era estruturada, por meio do: *indirect rule* ou *direct rule*.²⁶ A gestão indireta (realizada pelos britânicos) correspondeu ao uso de uma violência descentralizada ao recorrer aos poderes ou figuras locais para administrar as colônias, possuindo como propósito resolver questões referentes ao funcionamento administrativo e diminuir as despesas inerentes ao mesmo nas colônias. A gestão direta (realizada pelos franceses) correspondeu ao uso de uma violência centralizada nas mãos do administrador/governador da colônia, apesar de recorrer também às autoridades já existentes ou nomeadas pelo poder colonial para administrá-las.

O *indirect rule* permitiu no sistema colonial, que os colonizados fossem capazes de criar identidades específicas e que a violência física, em determinadas condições, não fosse tão aberta, exceto em casos de controlar rebeliões. Já o *direct rule* não permitiu a criação dessas identidades, pois o uso da violência física era constante²⁷. É interessante destacar que ambas as formas de gestão colocaram o poder tradicional numa encruzilhada de manter o controle das populações sob vigilância dos colonizadores, e isso fez com que os colonizados passassem a enxergá-los como uma extensão da ordem exigida pelo sistema colonial, levando o trabalho, antes considerado honroso, para menos efetivo e de caráter simbólico²⁸.

Para compreender o grande caráter exploratório e predador do imperialismo europeu no continente africano, foram selecionadas algumas ações efetuadas pela Bélgica em suas possessões coloniais. A colonização belga se inicia na década de 1870, quando o rei Leopoldo II decide investir nos empreendimentos expansionistas de modo sem igual para a dinâmica do século XIX, dirigindo-se a outros territórios (em especial ao continente africano) sem ter qualquer precisão sobre as

²⁵GONTIJO, Lorenzo Campomizzi Bueno. A Dominação Epistemológica no Imperialismo: A construção de uma narrativa de subjugação dos povos colonizados. **Cadernos de Relações Internacionais/PUC-Rio**, vol. 2, Dez, 2019, p. 226-227.

²⁶MABEKO-TALI, Jean-Michel. Considerations about colonial despotism, centralized management and violence in french colonial Empire. **Varia Historia [online]**. 2013, v. 29, n. 51, p. 746-749.

²⁷Ibid., 747-748.

²⁸Ibid., 748.

populações que lá habitavam, assim como sobre seu modo de vida. Ademais, tratava-se de um risco ao não se ter noção clara das riquezas que lá seriam encontradas, ou sequer das dificuldades da região.

Ao encomendar uma exploração pelo rio Congo, executou-se a dizimação dos povos nativos e a posse das terras, em que o rei belga se tornou proprietário de uma colônia um pouco maior que a Índia²⁹. Vale ressaltar que tais ações tiveram a “aprovação” das demais potências europeias e, também, dos Estados Unidos. Assim Leopoldo II fundou a Associação Internacional Africana, almejando “unir” as forças do continente. Posteriormente, substituiu esta sociedade por outra exclusivamente sua³⁰.

A internacionalista Camila Ayala aponta a existência da possibilidade dos líderes das potências europeias conhecerem as intenções de caráter exploratório do rei belga. Ainda, a decisão de apoiar seu projeto de criação do Estado Livre do Congo estaria realmente ligada às promessas feitas pelo mesmo: a) de abolição do tráfico de escravizados, com a qual a maioria dos Estados europeus haviam se comprometido durante a realização das Conferência de Viena (1815) e Verona (1822); b) de garantir a livre navegação, de caráter internacional, na bacia do rio Congo³¹.

O sistema colonial belga fez uso de uma gestão direta e violenta no Congo, mas também ocorreu inspirações na gestão indireta, passível de ser visualizado na forma com que utilizaria os chefes africanos:

primeiro destituindo-os dos cargos que lhes cabiam por leis costumeiras, e depois, quando perceberam que seria mais útil para os interesses coloniais servir-se deles, acabando por instrumentalizá-los como auxiliares. Como em todo lado, esta instrumentalização acabou desprestigiando os chefes juntos das suas comunidades, colocando o próprio poder colonial numa situação ambígua. Por um lado, tinham que aceitar que esses representantes do poder tradicional se tornassem poderosos, o que não era do interesse colonial. Por outro lado, a falta de confiança que as populações africanas depositavam nesses chefes não era tampouco do interesse da administração colonial pois eles representavam o melhor vínculo que as autoridades podiam obter com as populações rurais³².

²⁹DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Colonização e loucura*, p. 240-242. in: CONRAD, Joseph. *Coração das Trevas*. Rio de Janeiro: Antofágica. 2019.

³⁰Ibid., p. 242.

³¹AYALA, op. cit., p. 22; MASONGELE, Genick Mbaki. *Imperialismo: do mundo para a colonização do Congo*. 2016. 100f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Palmas, 2016, p. 20-22.

³²MABEKO-TALI, op. cit., p. 749-750.

A exploração do marfim (matéria que se forma nos dentes dos elefantes) no Congo ocorreu devido às suas qualidades como matéria-prima para ornamentação e para a produção de produtos exóticos, requisitados pela burguesia europeia no final do século XIX. Era realizado com base no trabalho coercitivo, no qual o uso da violência (física e psicológica³³) tinha caráter determinante, além de contar com o apoio de um estado militarizado³⁴. O emprego da força militar, de camadas mais baixas do Estado colonizador, pretendia a maximização da produção e eliminar diversos tipos de resistência (como confronto direto e boicotes) dos colonizados³⁵.

Para compreender como as ações imperialistas e os ideais ligados à eugenia e ao racismo influenciaram diversas camadas da sociedade, foram selecionadas duas obras literárias³⁶ escritas e publicadas entre a realização da Conferência de Berlim e o início da Primeira Guerra Mundial, de modo a apresentar os pontos comuns nas representações sobre os povos africanos e europeus, a serem abordados no tópico a seguir.

2 OS LIVROS *CORAÇÃO DAS TREVAS* (1899) E *TARZAN* (1912) COMO RETRATO DO IMPERIALISMO

A obra *Coração das Trevas*, consiste em um romance escrito pelo britânico (de origem polonesa) Joseph Conrad, em 1899, publicado como uma série em três partes na *Blackwood's Magazine*, que depois seria reunida em uma publicação de 1902. O livro conta a história do britânico Charles Marlow e de como se tornou capitão de um barco a vapor a serviço de uma companhia que comercializa marfim. Marlow possuía como objetivo principal encontrar um chefe de posto conhecido como Sr. Kurtz, tido como desaparecido no Congo (na época conhecido como um território pertencente à Bélgica)³⁷.

³³Uma das técnicas de controle foi a mutilação de membros dos trabalhadores como punição pelo não cumprimento da cota de trabalho. Isso causou um constante e grande pavor na população que trabalhava com a exploração de marfim e posteriormente da borracha.

³⁴LUNARDELLI, op. cit., p. 111.

³⁵Ibid., p. 114.

³⁶A escolha de obras literárias como fonte histórica está inserido nas discussões dos Annales sobre o conceito de documento que abarcou a literatura exposta por José Carlos Reis (2000), assim como nas discussões realizadas por Roger Chartier (1990), Nicolau Sevcenko (2003) e Sandra Jatahy Pesavento (2004;2006) sobre a possibilidade de analisar essas obras como produto sociocultural sobre um determinado fato temporal, partindo do ponto de vista do autor que a elaborou.

³⁷CONRAD, Joseph (1857-1924). *O Coração das Trevas*. Tradução e Notas Fabio Cyrino. São Paulo: Editora Landmark, 2011.

Vale apontar que a obra tem um caráter autobiográfico, já que deriva da própria experiência de Conrad como tripulante e capitão de uma embarcação a vapor no rio Congo, no auge da chamada “Partilha da África”, quando os países europeus tramavam a divisão do continente. Assim, o autor era um viajante dividido pelo conflito entre abraçar e rejeitar o mundo colonial, o qual considerava ambíguo³⁸.

O cenário da obra, que tem forte relação com a intenção do título, é a região banhada pelo rio Congo, em que se recorre a estereótipos que reforçam a crença dos ditos “civilizados”, de que a África seria um abismo na Terra criado por Deus, o qual simbolizava o pecado e a ausência da luz (que era representada pela Europa). Assim, os seres lá encontrados não poderiam ser considerados civilizados (normalmente resumidos a uma visão simplista e supersticiosa), o que validava a violência promovida pelo Estado colonial. Este olhar sobre a África deixa claro os perigos que se pode encontrar pelo caminho, como a loucura e o horror com que os personagens principais têm contato³⁹.

No livro, a busca por Kurtz se entremeia na jornada imperialista em direção ao coração da África, demonstrando o empreendimento colonial em nome da civilização e do progresso e conduzindo os povos à servidão. Nesse sentido, o continente africano seria conquistado pelo progresso iluminador, dentro da narrativa que define a ideologia do colonialismo, que justifica a exploração em nome da “necessidade” de se instaurar os bons costumes aos povos selvagens e pagãos. Este tipo de colonização, assim como os demais, envolve um processo brutal de rendimento dos nativos em detrimento dos valores europeus (que são compostos, além da questão racial, pelos valores dos mercados consumidores e pela exploração de produtos e populações das colônias)⁴⁰.

Além da crítica traçada contra o colonialismo europeu e a violência em nome do vencimento da “barbárie”, Conrad traz para a trama de Kurtz um outro elemento, que fica no subtexto da história: o processo de enlouquecimento daqueles que se embrenham na escuridão da selva africana⁴¹. Tal condição é tão relevante que, antes mesmo de partir para a África, Marlow segue os conselhos de sua tia e recorre a um médico alienista para uma consulta, o qual lhe avalia e lhe mede

³⁸BAHIANA, Ana Maria. **DA FOZ À NASCENTE: UMA JORNADA PARA TODOS OS TEMPOS**. In: CONRAD, Joseph. *Coração das Trevas*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019, p. 255-263.

³⁹ALMEIDA, op. cit., p. 269-274.

⁴⁰DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Colonização e loucura**, pp. 237-238. in: CONRAD, Joseph. *Coração das Trevas*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.

⁴¹DUNKER, op. cit., p. 243.

o crânio, de acordo com as convicções científicas da época. Nesta parte do livro, também é possível perceber aspectos de teorias que tinham como base a eugenia. Na "consulta" se desenrola o seguinte cenário:

“O velho médico tomou meu pulso, evidentemente pensando em alguma outra coisa o tempo todo. “Bom, bom para lá”, resmungou e então com certo empenho me perguntou se permitiria que medisse de minha cabeça. Bastante surpreso, eu disse que sim, então ele pegou uma coisa que parecia um compasso, tomou as medidas da frente para trás, em todas as direções, e anotou cuidadosamente. [...] “Eu sempre peço permissão, no interesse da ciência, para medir o crânio dos que estão indo para lá”, disse⁴².

A ação do médico possui como pano de fundo histórico as discussões teóricas sobre a origem da “raça” humana, nas quais a visão poligenista (que possuía como crença a existência de vários centros de criação e que ganhou força em meados do século XIX) aliada às teorias da frenologia e da antropometria, acreditava que seria possível, através da medição do tamanho e da proporção do cérebro de diversos povos, analisar o caráter humano⁴³.

Com base no relatado, é possível fazer um diálogo com discussões que abordam a inferiorização dos povos africanos por meio de descrições físicas ou psicológicas estereotipadas e preconceituosas. De acordo com o doutor em antropologia Pedro José Tótora da Glória, a antropologia física do século XIX e início do XX foi marcada pela classificação das raças humanas com base na evolução, pautando-se em ideias etnocêntricas, como a superioridade intelectual dos europeus, que se baseavam em inferências a partir do formato do crânio humano⁴⁴.

Isto pode ter relação com a própria crença na evolução humana, em que havia uma hierarquização do homem de acordo com sua raça, incorporando as ideias positivistas de Auguste Comte e, também, o Darwinismo Social, derivado da Teoria da Evolução de Charles Darwin. Nesse sentido, formou-se um consenso de que as raças evoluíam e as pessoas desenvolveriam sua razão, abandonando, por sua vez, pensamentos e formas de vida inferiores e assumindo concepções mais evoluídas, como a ciência⁴⁵.

⁴²CONRAD, 2019, p. 38.

⁴³SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 35.

⁴⁴GLÓRIA, op. cit. p. 2.

⁴⁵DUNKER, op. cit., p. 245.

Daí vêm os conselhos do alienista a Marlow para que evitasse o sol, pois os trópicos deixavam as pessoas irritadas (assim, suscetíveis a perderem a calma e, possivelmente, a razão). E, em meio a este ambiente propício para o desaparecimento da razão, destaca-se a figura de Kurtz, que passa a ser considerado um gênio capaz de manter altos níveis de produtividade em meio a esta terra de miséria e de doença, além de outras adversidades. Nesse contexto, o personagem chama a atenção dos demais por fazer com que seus protegidos trabalhem para ele, cumprindo todas as metas e se transformando em uma espécie de mito.

Com isso, percebe-se uma diferenciação deste tipo de colonização em relação à empreendida entre os séculos XVI e XVII na América. Se outrora havia uma missão de salvar os povos pagãos e conduzi-los ao cristianismo, no século XIX a dominação era pautada em nome do esclarecimento científico e da razão, sinais de evolução.

Já a obra *Tarzan*, também denominada *Tarzan dos Macacos* ou *Tarzan, o Filho da Selva*, consiste em um romance escrito pelo norte-americano Edgar Rice Burroughs, em 1912, sendo ambientada na Inglaterra e no Congo de 1888 (na época conhecido como Estado Livre do Congo e propriedade privada do rei belga Leopoldo II). Conta a história de Tarzan, adotado ainda bebê pela símia Kala, após seus pais biológicos, que eram aristocratas ingleses, morrerem em algum lugar do Congo, onde foram abandonados após um motim. Burroughs procura mostrar o desenvolvimento psicológico, físico e social deste personagem na África, assim como sua relação com a natureza, com os animais e com seres humanos (principalmente com a inglesa Jane Porter), até a descoberta de sua verdadeira identidade como John Clayton III, Lorde Greystoke⁴⁶.

Vale apontar que, assim como no caso de Conrad, esta obra também foi influenciada por algumas experiências do autor, que fez parte da cavalaria do exército norte-americano, onde precisou seguir ordens tanto de superiores negros quanto de brancos, sendo filho de um veterano da Guerra Civil Americana e vivendo em um contexto histórico-social em que a eugenia se fazia bastante presente⁴⁷.

Desse modo, o autor possuía como inspiração para compor o cenário da história, os animais selvagens e os povos tradicionais africanos presentes nos relatos sobre África do fim do século XIX. Já o personagem principal e suas aventuras possuem características que lembram outras obras,

⁴⁶BURROUGHS, Edgar Rice (1875-1950). *Tarzan*: Edição Comentada e Ilustrada. Apresentação, tradução e notas Thiago Lins. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.

⁴⁷Ibid., p. 6-8.

como o mito romano de Rômulo e Remo, o livro *O Livro da Selva*, escrito por Rudyard Kipling e publicado em 1894, assim como *As Minas do Rei Salomão*, escrito por H. Rider Haggard e publicado em 1885⁴⁸. Isso nos permite dizer que Tarzan é inspirado numa literatura carregada de estereótipos.

A relação entre Tarzan e o “outro” também é cercada de representações preconceituosas, pois o personagem principal, “mesmo sendo criado por macacos desde criança já apresentava qualidades superiores não somente aos macacos que o criaram, como também aos nativos e a qualquer outro ser humano”⁴⁹.

É um contexto em que a sociedade se encontrava fortemente influenciada pelas teorias evolucionistas, principalmente a elaborada pelo naturalista britânico Charles Darwin⁵⁰, o que levou Edgar Burroughs a mostrar em sua obra, do início até o fim, a superioridade de Tarzan. As inúmeras adversidades enfrentadas pelo personagem principal não impediram seu desenvolvimento físico e intelectual como um homem branco europeu perante os animais, a natureza e os povos africanos.

É possível visualizar em ambas as obras, por meio da ideologia do Darwinismo Social, a possibilidade de explicar diferenças raciais e sociais, que permitiram a uma Inglaterra Vitoriana⁵¹ e Eduardiana⁵², assim como a toda Europa, justificativas tidas como científicas para ações imperialistas e “civilizatórias” no continente africano.

Pode-se identificar que o principal ponto em comum entre as obras consiste na visão europeia sobre o “outro”, principalmente em relação aos povos africanos como primitivos e selvagens, enquanto os brancos são considerados civilizados e de grande capacidade intelectual. São concepções preconceituosas e estereotipadas, muitas vezes baseadas nas ideologias eugênicas e racistas⁵³ sobre o “outro”, que buscam engrandecer o europeu e estão presentes até mesmo no ambiente que envolve as histórias, tido como sobrenatural, capaz de influenciar (ou não) ações e

⁴⁸BURROUGHS, op. cit., p. 11.

⁴⁹SILVA, Maria Edneusa Pereira. Tarzan: representações e estereótipos. In: **Anais do VI Congresso Sergipano de História e VI Encontro Estadual de História da ANPUH/SE**. 2018, p. 11.

⁵⁰FREITAS, Leandro. A Teoria Evolutiva de Darwin e o contexto histórico. **Revista Bioikos**, PUC-Campinas, 12 (1): 55-62, 1998.

⁵¹Corresponde ao período do reinado da rainha Vitória, de junho de 1837 até sua morte em janeiro de 1901 no Reino Unido.

⁵²Corresponde ao período do reinado de Eduardo VII, de janeiro de 1901 até sua morte em maio de 1910 no Reino Unido.

⁵³BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. **Educar**, Curitiba, n. 12, 1996. Editora da UFPR, p. 154-155.

comportamentos nos personagens principais. Tal constatação dialoga com a defesa de Hannah Arendt de que Hobbes seria o filósofo da burguesia do período, uma vez que tais obras reafirmam a sua crença de que o homem no estado de natureza é selvagem e violento, sendo necessária a instituição do Estado para que se estabeleça a ordem⁵⁴.

Em *Tarzan*, também se encontram discussões acerca do determinismo biológico, com destaque para a superioridade do protagonista, que, mesmo em meio à selva e a diversas adversidades, é capaz de aprender a ler e escrever sozinho:

[...] Aos dezoito anos, lia com fluência e entendia quase tudo o que encontrava nos muitos e variados volumes das prateleiras. Também podia escrever, com letra de forma, com rapidez e clareza, mas não havia dominado a escrita cursiva, pois, apesar de haver muitos livros de cópias entre seu tesouro, havia tão pouco escrito em inglês na cabana que não se incomodou com essa outra forma de escrita, apesar de conseguir lê-la com um certo esforço. Assim o encontramos, aos dezoito anos, um fidalgo que não sabia falar inglês, mas que, mesmo assim, podia ler e escrever em sua língua nativa [...]⁵⁵.

Essa situação é baseada nas discussões de higienistas, psiquiatras e médicos, que ocorriam durante o século XIX e parte século XX, sobre o caráter hereditário dos comportamentos, sejam aqueles positivos ou negativos (ligados aos vícios ou patologias).⁵⁶ Com base nesses debates (atualmente já superados) poder-se-ia dizer que, mesmo vivendo na selva, o personagem principal da obra de Burroughs, guardava aptidões exclusivas e superiores, mesmo que não tivesse consciência disso.

Em relação a *Coração das Trevas*, o negro africano é retratado como “a negação da humanidade, da civilização, da racionalidade; como oposição aos princípios fundadores do mito eurocêntrico, justificativas ideológicas da conquista do ‘Outro’”⁵⁷. Nisso, o crítico literário Chinua Achebe compreende que a obra projeta uma imagem da África como o “outro mundo” - exatamente o oposto da Europa, lugar da civilização e da inteligência -, local em que predomina a bestialidade,

⁵⁴REGO, op. cit., p. 553.

⁵⁵BURROUGHS, op. cit., p. 95-96.

⁵⁶CAPONI, Sandra. Da herança à localização cerebral: sobre o determinismo biológico de condutas indesejadas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]**. 2007, v. 17, n. 2, p. 347.

⁵⁷ALMEIDA JUNIOR, Rubens Arley de. O racismo ignorado em *Coração das Trevas*. **Revista Aurora**, v. 14, n. Edição Especial, p. 147-162, 2021, p. 148.

que zomba da inteligência e do refinamento do homem branco⁵⁸. Assim, Conrad constrói a África como um campo de batalha desumanizado, opondo a voz-razão ao corpo calado e bestial, que se expressa apenas através de sons guturais e murmúrios. E Kurtz, justamente aquele que possui voz e razão em meio a este ambiente, acaba por se contaminar pela imoralidade do ambiente, adoecendo⁵⁹.

É possível, ainda, visualizar a forma com que os povos africanos são descritos pelo capitão Marlow, como criaturas com algum grau de bestialidade, sendo comparados a algo inumano, ou “pior”, reconhecendo-se a possível humanidade em meio à selvageria. Também é citada a possível evolução após um treinamento, denotando a hierarquização da população de acordo com os processos evolutivos humanos (ainda que o nativo mencionado seja comparado a um cachorro domado):

A terra parecia sobrenatural. Estávamos acostumados a ver a forma acorrentada de um monstro subjugado, mas ali... ali podia-se ver uma coisa monstruosa e livre. Era sobrenatural e os homens... Não, não eram desumanos. Bom, vocês sabem, isso era o pior, essa desconfiança de que não fossem desumanos. Ela vinha aos poucos para a gente. Eles uivavam, pulavam, giravam, faziam caretas horríveis; mas o que impressionava era só a ideia da humanidade deles, como a nossa, a ideia da nossa remota proximidade com aquele tumulto selvagem e apaixonado. Feio. Era sim, bem feio [...] E de quando em quando eu tinha que cuidar do selvagem que era o fogueiro. Era um espécime melhorado; sabia acender uma caldeira vertical. Ele estava logo abaixo de mim e, juro mesmo, olhar para ele era tão edificante quanto ver um cachorro com uma paródia de calção e chapéu de plumas nas patas traseiras. Poucos meses de treinamento tinham bastado para aquele sujeito com de verdade⁶⁰.

Em paralelo, o narrador onisciente de *Tarzan* procura mostrar a relação entre a aparência física e bestialidade:

Dos confins do longínquo oriente, por detrás de uma pequena colina, surgia, em fila indiana, um estranho cortejo. Na vanguarda avançavam cinquenta guerreiros com esguias lanças de madeira — suas pontas endurecidas no fogo baixo — e longos arcos e flechas envenenadas. Nas costas carregavam escudos ovais, em seus narizes, enormes brincos, e das retorcidas lãs de seus cabelos brotavam maços de alegres penas.

⁵⁸ACHEBE, Chinua. An Image of Africa: Racism in Conrad's Heart of Darkness. In: CONRAD, Joseph. **Heart of Darkness: An Authoritative Text, background and Sources Criticism**. 3º ed. Londres: W. W Norton and Co., 1988. p. 252.

⁵⁹ALMEIDA JUNIOR, op. cit., p. 157.

⁶⁰CONRAD, 2019. p. 114-116.

Tinham três linhas coloridas paralelas tatuadas na testa, e, no peito, três círculos concêntricos. Os dentes amarelados haviam sido limados, ostentando pontas afiadas, e seus grandes lábios protuberantes potencializavam ainda mais a degradada e bestial brutalidade de sua aparência⁶¹.

Com base nos relatos de cada obra, é possível perceber que os autores não possuem receio algum ao representar a população nativa congoleza como selvagem e inferior.

Além disso, existe a presença de tratamento violento por parte dos europeus com os nativos africanos que trabalham com o marfim na obra de Conrad, além da própria questão da conquista da terra:

Eram conquistadores, e para isso é preciso apenas força bruta, nada para se orgulhar, uma vez que sua força é um mero acidente que brota da fraqueza dos outros. Eles agarravam o que podiam só porque estava ali. Era apenas roubo com violência, agravado por assassinato em massa, e os homens partindo em direção a isso às cegas, como é bem apropriado aos que enfrentam as trevas. A conquista da terra, que significa principalmente tomar daqueles que têm compleição diferente ou narizes ligeiramente mais chatos do que os nossos, não é uma coisa bonita quando se olha bem para ela⁶².

Em outro trecho, referente ao mesmo assunto, também se lê este relato de Marlow sobre o ocorrido no território anteriormente à sua chegada:

Fresleven (esse era o nome do sujeito, um dinamarquês) se sentiu de alguma forma prejudicado no negócio, então deixou o barco e começou a bater no chefe da aldeia com um pau. Ah, não foi nenhuma surpresa saber disso e ao mesmo tempo ser informado que esse Fresleven era a criatura mais gentil e mais tranquila deste mundo. [...] Então espancou o velho negro impiedosamente, enquanto uma multidão da gente dele olhava, atônita, até alguém, me disseram que o filho do chefe, desesperado com os gritos do velho, tentou um golpe de lança no homem branco, que, claro, penetrou fácil entre as escápulas. [...] As pessoas tinham desaparecido. Espalhadas por um louco terror, homens, mulheres e crianças, pelo meio do mato, e não voltaram nunca. [...] De qualquer maneira, foi com esse glorioso ocorrido que consegui meu cargo, antes mesmo de começar a esperar por ele⁶³.

Enquanto na obra de Burroughs a violência europeia, para com uma tribo que sequestrou um oficial francês, quase levou ao extermínio desta:

⁶¹BURROUGHS, op. cit., p. 96.

⁶²CONRAD, 2019. p. 21.

⁶³CONRAD, 2019. p. 28-32.

[...] As balas dos franceses mataram grande quantidade dos selvagens, e os marinheiros passaram sobre os corpos prostrados, diretamente para o portão da aldeia.

O ataque foi tão repentino e inesperado que fez com que os brancos alcançassem os portões antes que os atemorizados nativos pudessem obstruí-los. Assim, em instantes, a aldeia estava tomada por homens armados lutando corpo a corpo, em um emaranhado inextricável.

Os nativos mantiveram seu território por alguns minutos, mas os revólveres, rifles e cutelos dos franceses dobraram os lanceiros inimigos e derrubaram os arqueiros negros que preparavam suas flechas.

Logo a batalha se tornou um tumulto e depois um terrível massacre. Os marinheiros franceses notaram vários guerreiros trajando partes do uniforme de D'Arnot. Pouparam as crianças e as mulheres que não foram obrigados a matar em um ato de autodefesa, e, quando finalmente pararam — ofegantes, cobertos de sangue e suados —, já não havia sequer um guerreiro que se opusesse a eles, nenhum sobrevivente na selvagem aldeia de Mbonga [...] ⁶⁴.

A violência descrita nestas passagens demonstra o quão pouco valia a vida dos nativos para os europeus, que eram movidos pela ganância e pelo poder da empreitada colonial. ⁶⁵ Pelo menos, pode-se perceber um tom negativo nas narrativas, em que Marlow (*Coração das Trevas*) sente incômodo e tristeza pela visão da realidade encontrada ao se deparar com a violência. Já no caso de *Tarzan*, percebe-se o tom negativo da batalha ocorrida pelo uso do termo “terrível massacre” para descrevê-la.

Além disso, em ambas as obras ocorrem exposições sobre o significado do ato de comer carne humana pelos povos africanos. Para isso é necessário estabelecer as diferenças entre os termos canibalismo e antropofagia: o primeiro diz respeito à caracterização de seres que comem da mesma espécie, enquanto o segundo se refere ao ato de comer carne humana ⁶⁶.

Com base nisso, pode-se dizer que em *Coração das Trevas* e *Tarzan* temos a presença do antropofagismo e também do canibalismo. Na obra de Conrad, a presença de homens que se alimentam da carne de outros homens nos leva a refletir sobre o mito do canibalismo (e a própria falta de noção da diferença entre os termos), fortemente associado pelos europeus aos povos africanos, em que se rotulava as culturas oprimidas, de forma a utilizar esta especificidade alimentar como ferramenta de exclusão, legitimando a conquista sobre estas raças “selvagens” e a sua

⁶⁴BURROUGHS, op. cit., p. 235.

⁶⁵FURTADO, Jordana. **Uma análise fanoniana da violência colonial no romance “Coração das trevas” de Joseph Conrad**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, 2021. p. 26.

⁶⁶CARVALHO, Eliane Knorr. **Canibalismo e normalização**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2008, p. 9-10.

exploração, assim como a sua extinção, devido à concepção do dito canibal como um indivíduo que habita além dos limites do comportamento humano. Assim, justificava-se o seu assassinato e a tomada de suas terras, promovendo o fato de que, em diversos locais colonizados, estas civilizações enfrentaram um aniquilamento quase total⁶⁷.

Apesar de toda a mistificação e “vilanização” gerada em torno destes grupos, *Coração das Trevas* traz uma peculiaridade, pois é possível perceber, através das falas de Marlow, que o homem branco não serve de alimento aos antropófagos/canibais apresentados na viagem. Além disso, o personagem afirma que os mesmos eram bons para trabalhar, pois também não comiam uns aos outros, levando carne de hipopótamo como suprimento, e, em situação de fome extrema, não recorreram à tripulação como comida alternativa. Em contrapartida, no momento em que a embarcação encontra possíveis inimigos, os ditos canibais deixam claro que gostariam de se alimentar destes que não eram seus “aliados”. Ainda assim, apesar da boa relação demonstrada, em nenhum momento o grupo deixa de ser caracterizado como primitivo, seja pela descrição dos dentes afiados ou pela forma de se comunicar através de resmungos. Isto pode ser observado no trecho a seguir, que mostra uma conversa entre um representante do grupo e o protagonista:

Vários trocaram frases curtas, resmungos, que pareciam assentar a questão de maneira satisfatória. O chefe deles, um jovem negro de peito largo, severamente envolto em panos debruados em tom azul-marinho, com narinas ferozes e o cabelo todo arranjado artisticamente em cachos oleosos, estava ao meu lado. [...] “Pega eles”, retrucou o rapaz, com um arregalar de olhos congestionados e um brilho de dentes afiados... “Pega eles. Dá eles pra nós”. “Para vocês, é?”, perguntei.; “e o que vão fazer com eles?” “Nós come!” [...] Sem dúvida, eu teria ficado devidamente horrorizado se não tivesse me ocorrido que ele e seus companheiros deviam estar com muita fome⁶⁸.

Já na obra de Burroughs, tem-se a presença de uma espécie de ritual em relação ao personagem Paul D’Arnot:

[...] Chegaram até o centro da aldeia. D’Arnot foi amarrado com firmeza ao grande mastro do qual nenhum homem havia escapado. Parte das mulheres caminhava até suas choupanas em busca de potes e de água, enquanto outras preparavam fogueiras nas quais porções do festim seriam cozidas,

⁶⁷OLIVEIRA, Lucimar Pereira de. AS VEIAS DO COLONIALISMO IMPERIALISTA E ANTICOLONISMO EM O CORAÇÃO DAS TREVAS DE JOSEPH CONRAD. *Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade-Igarapé*, v. 12, n. 2, 2019. p. 61.

⁶⁸CONRAD, 2019. p. 126.

enquanto o restante da carne seria ressecada para ser usada posteriormente, pois esperavam que os outros guerreiros voltassem com muitos prisioneiros. As festividades foram adiadas à espera dos guerreiros que haviam ficado para trás, combatendo os brancos. Já era bastante tarde quando todos retornaram à aldeia e a dança da morte começou ao redor do oficial condenado⁶⁹.

Os relatos sobre o antropofagismo e canibalismo no continente africano iniciam no século XV, quando ocorre o maior contato entre europeus e os povos africanos da Costa Ocidental.⁷⁰ A maioria das narrativas que se tem conhecimento sobre o tema foram realizadas por viajantes europeus sobre os povos que viviam na parte Equatorial do continente. Estes aventureiros possuíam uma visão preconceituosa e fantasiosa sobre “o outro”, na qual “seus traços fisionômicos foram bestializados e seus costumes, barbarizados”.⁷¹ É interessante destacar que esses relatos, poderiam ser influenciados por europeus ou rivais interétnicos, que buscavam, ao propagar tais crenças, afastar concorrentes comerciais⁷².

Um ponto de divergência entre as obras será em relação à influência do meio ambiente (a floresta africana) sobre as ações dos personagens principais. Em *Coração das Trevas*, o narrador descreve a selva congoleza como uma terra pré-histórica, demonstrando seu sentimento de pequenez em relação à imensidão do rio e da fauna.⁷³ Além disso, a paisagem africana é vista como um cenário envolto por uma névoa mística, capaz de confundir quem lá adentra. Nesse sentido, a obra deixa claro que a própria loucura, apresentada com o personagem Kurtz, se dá em decorrência da floresta, como uma espécie de vingança da natureza contra a invasão. Portanto, quem o condena à insanidade e pelos seus atos de colonização é a natureza selvagem, como uma espécie de entidade.⁷⁴ Em *Tarzan*, apesar de ocorrer certas similaridades com a obra de Conrad em relação à descrição da selva congoleza, na história do rei das selvas, o personagem principal, que possui origem na nobreza inglesa, consegue se desenvolver fisicamente e intelectualmente, apesar de todas as contradições possíveis, causando espanto nos diversos personagens com que teve contato. Isso entra em concordância com a teoria de Darwin e com a ideia de Burroughs de que “o homem

⁶⁹BURROUGHS, op. cit., p. 225.

⁷⁰SOUZA CORREA, Sílvio Marcus de. A ANTROPOFAGIA NA ÁFRICA EQUATORIAL: ETNO-HISTÓRIA E A REALIDADE DO(S) DISCURSO(S) SOBRE O REAL. *Afro-Ásia [en línea]*. 2008, (37), p. 9.

⁷¹Ibid., p. 13.

⁷²Ibid., p.14-16.

⁷³LEVISKI, Charlott Eloize. NARRATIVA IMAGÉTICA E CONSTRUÇÃO VISUAL DO COLONIALISMO EM CORAÇÃO DAS TREVAS. *Revista Labirinto (UNIR)*, v. 25, p. 235-250, 2016. p. 245.

⁷⁴ALMEIDA JUNIOR, op. cit., p. 150.

branco europeu, seria o mais adaptável e o mais apto a liderar em qualquer condição, até mesmo em um ambiente inóspito em que não houvesse condições de sobreviver”⁷⁵.

As obras literárias aqui apresentadas tiveram grande recepção e foram bastante consumidas pelos europeus quando lançadas, mas enquanto *Tarzan* obteve diversas continuações devido ao público leitor querer saber mais sobre as aventuras do mesmo, *Coração das Trevas* se destacou pelo impacto social ao despertar debates sobre os horrores causados no continente africano pela exploração econômica europeia.

Isso permitiu, quando do surgimento e evolução do cinema, a adaptação das mesmas, com mudanças ou não na forma com que as temáticas e discussões contadas nas histórias foram apresentadas, questões essas a serem abordadas no tópico a seguir.

3 AS OBRAS CINEMATOGRAFICAS *APOCALYPSE NOW* (1979), *TARZAN OF THE APES* (1918) E A *LENDA DE TARZAN* (2016)

Como diversas obras literárias, tanto *Coração das Trevas* quanto *Tarzan* tiveram adaptações para o audiovisual, algumas mais fidedignas e outras nem tão exatas.

Em relação a *Coração das Trevas*, até 2019, foram registradas 28 adaptações da obra para o audiovisual. Dentre estas, embora a considerada mais fiel seja a lançada em 1993 (do diretor Nicolas Roeg, que conta no elenco com John Malkovich como Sr. Kurtz e Tim Roth como Marlow), definitivamente é *Apocalypse Now*, de 1979 (dirigida por Francis Ford Coppola, com Marlon Brando como Kurtz) que ganhou maior destaque ao longo dos anos, embora o filme se dê a “liberdade poética” para se reimaginar na guerra do Vietnã em vez da original empreitada no Congo. Neste caso, *Apocalypse Now* teria surgido não apenas do fascínio do roteirista John Millius pela obra de Conrad, mas também da percepção de que poderia adaptar a obra substituindo o Congo colonial do século XIX pelo Vietnã em chamas do século XX, em decorrência do embate proporcionado pela Guerra Fria e das novas formas de dominação territorial⁷⁶.

Mesmo que Millius tivesse concebido a obra dentro deste viés, deve-se ressaltar que o roteirista era um conservador (assim como Conrad) e, ainda por cima, contra os movimentos

⁷⁵OLIVEIRA REIS, Celso Ronald. **Macaco Branco na Selva Negra: A Eugenia como Efeito Narrativo em Três Filmes de Tarzan**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2019, p. 15.

⁷⁶BAHIANA, op. cit., p. 255.

pacifistas em voga nos Estados Unidos (aliás, o título do projeto viria como contraponto ao slogan *Nirvana Now*, propagado pelo movimento *hippie*). Assim, quando o diretor Francis Ford Coppola assumiu a direção do projeto, transformando-o em uma ópera declaradamente antiguerra, geraram-se vários embates entre eles⁷⁷.

Já em relação a *Tarzan*, obra que se tornou mais popular, ocorreram 57 adaptações entre 1918 e 2016, tanto para o cinema (em *live action* e animação) como para a televisão (em formato de seriado),⁷⁸ mostrando o quanto o imaginário acerca do personagem criado por Burroughs ainda se encontra marcante. Os filmes em *live action* que mais se destacam são *Tarzan of the Apes* de 1918⁷⁹ e *A Lenda de Tarzan* de 2016. A diferença de quase 100 anos entre as duas permite dizer o quanto as abordagens em relação ao “rei das selvas”, assim como a representação do homem negro, da floresta e dos europeus mudaram.

A versão de 1918 é quase uma representação fidedigna do que é contido no livro em que é inspirado, mostrando por meio de diversas cenas: a) os preconceitos e estereótipos para com os negros; b) o imaginário de superioridade racial dos brancos europeus; c) o determinismo biológico face as ações tomadas por Tarzan ao longo da película, entre outros. Já a versão de 2016 procura apresentar uma nova concepção ao denunciar a extrema violência realizada por Leopoldo II e sua administração no Congo, que visava adquirir mais poder e lucro para si próprio e para o Estado Belga. No entanto, o filme ainda apresenta: a) caricaturas, apesar do maior protagonismo, dos personagens negros; b) o determinismo biológico do personagem principal face as suas aptidões inatas; c) a representação do homem branco salvador, mesmo contando com a ajuda de outros personagens, entre outros⁸⁰.

Uma questão importante sobre a realização de adaptações cinematográficas de *Coração das Trevas* e *Tarzan* é que ambos retratam a violência gerada pela dominação imperialista de países desenvolvidos europeus na exploração do continente africano. No entanto, a película da obra inspirada no livro de Conrad é passível de modificação em relação ao lugar em que se passa. Embora o filme sequer credite a obra de Conrad como inspiração, é inegável a similaridade de alguns fatores apresentados, como a jornada do protagonista, as características do rio navegado, o

⁷⁷Ibid., p. 255-258.

⁷⁸OLIVEIRA REIS, op. cit., p. 20.

⁷⁹Essa versão cinematográfica da obra de Edgar Burroughs pode ser encontrada na plataforma de compartilhamento de vídeos “Youtube”. Está disponível no seguinte *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=vpLYBVleE2A>.

⁸⁰OLIVEIRA REIS, op. cit., p.59-60

nome de Kurtz, (o personagem é amplamente mencionado na primeira metade de ambas as tramas, mas só aparece posteriormente) e o próprio fascínio de Marlow (que no filme se chama Willard) pela enigmática figura de Kurtz. Além disso, apesar das diferenças na temporalidade aplicada, ambas as obras revelam os impulsos destrutivos da dita “civilização” sobre outros povos, mostrando a sua capacidade de agir violentamente com o “outro”. Apesar disso, as produções possuem as suas peculiaridades, ainda que ambas convertam em um tom crítico: em *Coração das Trevas*, tem-se uma crítica aos moldes colonialismo europeu na África; já em *Apocalypse Now*, a denúncia é contra a guerra e o imperialismo norte-americano na Ásia⁸¹.

Um ponto que guia ambas as obras e que pode levar à associação entre as temáticas é a própria luta pela liberdade dos personagens. Em *Apocalypse Now*, esta é retratada como a fuga daquele cenário de guerra e de morte, mas que seria alcançada apenas após a execução das ordens dadas pelo Exército dos Estados Unidos, devendo os personagens abandonarem suas condições de indivíduos e obedecerem ao que a sociedade determinava. Já em *Coração das Trevas*, Marlow também deseja a sua liberdade, representada pelo retorno à Europa, e justamente por isso se embrenha no coração da floresta, de modo a completar sua missão. Aliás, os dois Kurtz apresentados também anseiam com a liberdade, sendo esta dissociada das amarras sociais e adquirindo um caráter utópico ao acreditarem que ela pode ser alcançada ao se estabelecer novas sociedades⁸². Isto dá a entender que, mesmo em contextos diferentes, a obra de Conrad pode se mostrar atualizada em diversos momentos sociopolíticos, o que permitiu tal reconstrução em outro local e período da história.

Já no longa-metragem inspirado no livro de Burroughs, a dificuldade está em realizar adaptações que superem o estigma que o personagem principal possui como “branco salvador” - para a mocinha ou para sua tribo⁸³. As características físicas e psicológicas, inatas ou adquiridas por Tarzan, apesar de modificações para os seus diversos filmes e séries, mostram que apenas ele é capaz de “andar perfeitamente entre os dois mundos” – a selva e a civilização.

⁸¹Para saber mais sobre as similaridades entre o livro e esta adaptação, a editora Darkside, que também publica *Coração das Trevas*, as relatou no site: <https://darkside.blog.br/como-o-horror-de-coracao-das-trevas-influenciou-apocalypse-now/>

⁸²CALIL, Lucas; MANCINI, Renata Ciampone. *Apocalypse now e o coração das trevas: o embate entre indivíduo e sociedade*. CASA: *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v.12, n.1, 2014, p. 233-257. p. 255.

⁸³REIS, Fernanda. *É possível contar a história do Tarzan sem ser racista?*. Risca Faca, 2016.

As teorias eugenistas e raciais, altamente discriminatórias com povos não europeus, que baseiam a criação do personagem, já foram alvo de pesquisas que demonstraram a sua não-cientificidade. A persistência em reproduzir para o cinema a obra literária citada, altamente datada e preconceituosa, tem se mostrado cada vez mais complicada face aos atuais e crescentes protestos de diversos movimentos sociais, principalmente o negro, em relação aos direitos políticos, ao reconhecimento social, à diminuição da violência direcionada a etnia negra, entre outros.

CONCLUSÃO

Com base no apontado até aqui, pode-se perceber que tanto a empreitada colonial na África quanto a expansão do capitalismo se basearam no racismo “cientificamente” e socialmente fundamentado na teoria evolutiva de Charles Darwin, que justificava e legitimava a desigualdade social e racial⁸⁴. Com isso, perpetuou-se uma visão negativada dos negros, que já existia desde muito antes de Darwin, mas que ganhou novos contornos com sua teoria, persistindo e se adaptando até a atualidade.

É possível ver muitos resquícios da presença imperialista belga na África, sendo uma das mais famosas o genocídio ocorrido em Ruanda, país fronteiro com a atual República Democrática do Congo, em 1994. Ambos os territórios um dia já pertenceram ao país europeu e, neste contexto, o conflito deriva de uma hierarquização herdada do período colonial, em que os belgas classificaram os tutsis, uma minoria étnica de Ruanda, como mais evoluídos por supostamente possuírem traços físicos mais “finos e distintos”, considerados similares aos dos europeus. Por isso eles deveriam ter poder político e econômico sobre os hutus, considerados “brutos” por serem mais baixos e por terem feições mais “feias”, graças aos “narizes e bocas mais grossos”, além de “cabelos e peles mais escuros”⁸⁵.

Com isso, percebe-se que o colonialismo na África, embora retrate um período específico da história do continente e do mundo, instituiu uma lógica de dominação que perpassou os processos

⁸⁴FREITAS, op. cit., p. 58.

⁸⁵FRUCTUOZO, Lígia Maria Lario; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. Ruanda: Memórias de um genocídio. **ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498**, v. 5, n. 5, 2009. p. 1.

de independência do século XX. Assim, mesmo com a retirada dos dominadores do território, mantiveram-se as formas de ver o mundo instituídas pelo prisma da colonização⁸⁶.

Nesse contexto, a leitura e a análise de obras como *Coração das Trevas* e *Tarzan* se fazem fundamentais, pois ambos os livros trazem ao nosso tempo temáticas que levam a pensar sobre a normalização do racismo, da morte e da miséria, levantando debates contextualizados entre o ontem e o hoje.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Rubens Arley de. O racismo ignorado em *Coração das Trevas*. **Revista Aurora**, v. 14, n. Edição Especial, p. 147-162, 2021. Disponível em: < <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/12700/8228> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

ARENDDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AYALA, Camila Taís. **O surgimento e a internacionalização do HIV a partir do colonialismo: os casos da República Democrática do Congo e da África do Sul**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Relações Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2021. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231469> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. **Educar**, Curitiba, n. 12, p. 153-165, 1996. Editora da UFPR. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/er/a/sNH6RP4vvMk6wtPSZztNDyt/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

BURROUGHS. Edgar Rice (1875-1950). **Tarzan: Edição Comentada e Ilustrada**. Apresentação, tradução e notas Thiago Lins. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.

CALIL, Lucas; MANCINI, Renata Ciampone. Apocalypse now e o coração das trevas: o embate entre indivíduo e sociedade. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v.12, n.1, 2014, p. 233-257. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13263/7124-18143-1-PB.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

⁸⁶ALMEIDA, op. cit., p. 275.

CAPONI, Sandra. Da herança à localização cerebral: sobre o determinismo biológico de condutas indesejadas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]**. 2007, v. 17, n. 2, pp. 343-352. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000200008> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

CARVALHO, Eliane Knorr. **Canibalismo e normalização**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2008. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3987> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CONRAD, Joseph. **Coração das Trevas**. Rio de Janeiro: Antofágica. 2019.

CONRAD, Joseph (1857-1924). **O Coração das Trevas**. Tradução e Notas Fabio Cyrino. São Paulo: Editora Landmark, 2011.

CONRAD, Joseph. **Heart of Darkness: An Authoritative Text, background and Sources Criticism**. 3º ed. Londres: W. W Norton and Co., 1988.

COMO O HORROR DE CORAÇÃO DAS TREVAS INFLUENCIOU APOCALYPSE NOW. **Dark Blog**. Cidade de Cajamar, s/d. Disponível em: < <https://darkside.blog.br/como-o-horror-de-coracao-das-trevas-influenciou-apocalypse-now/> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

DÖPCKE, Wolfgang. A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. **Revista Brasileira de Política Internacional [online]**. 1999, v. 42, n. 1, pp. 77-109. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0034-73291999000100004> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

FREITAS, Leandro. A Teoria Evolutiva de Darwin e o contexto histórico. **Revista Bioikos**, PUC-Campinas, 12 (1): 55-62, 1998. Disponível em: < <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/bioikos/article/view/954/931> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

FRUCTUOZO, Ligia Maria Lario; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. Ruanda: Memórias de um genocídio. **ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498**, v. 5, n. 5, 2009. Disponível em: < <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/viewFile/2037/2165> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

FURTADO, Jordana. **Uma análise fanoniana da violência colonial no romance "Coração das trevas" de Joseph Conrad**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, 2021. Disponível em: < <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/4716> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

GLÓRIA, Pedro José Tótora da. Seria a teoria da evolução darwiniana domínio exclusivo dos biólogos? Implicações da evolução biológica para as ciências humanas. **Revista da Biologia**, 2009.

p. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revbiologia/article/view/108567/106876> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

GONTIJO, Lorenzo Campomizzi Bueno. A Dominação Epistemológica no Imperialismo: A construção de uma narrativa de subjugação dos povos colonizados. **Cadernos de Relações Internacionais/PUC-Rio**, vol. 2, Dez, p. 222-243, 2019. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46002/46002.PDF> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

HEGEL, G. F. W. **Filosofia da História**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo** [recurso eletrônico]. Ensaio de divulgação ao público; [tradução Edições Avante!]; revisão da tradução Paula Vaz de Almeida. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. recurso digital (Arsenal Lênin ; 50).

LEVISKI, Charlott Eloize. NARRATIVA IMAGÉTICA E CONSTRUÇÃO VISUAL DO COLONIALISMO EM CORAÇÃO DAS TREVAS. **Revista Labirinto (UNIR)**, v. 25, p. 235-250, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/1865/1761> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

MABEKO-TALI, Jean-Michel. Considerações sobre o despotismo colonial, e a gestão centralizada da violência no Império colonial francês. **Varia Historia [online]**. Belo Horizonte, vol. 29, nº 51, p. 745-770, set/dez 2013. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-87752013000300006> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

MARIUTTI, Eduardo Barros. Interpretações clássicas do imperialismo. Texto para Discussão. **IE/UNICAMP**, Campinas, n. 216, fev. 2013. Disponível em: < <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2013/03/Mariutti-Imperialismo.pdf> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

MASONGELE, Genick Mbaki. **Imperialismo: do mundo para a colonização do Congo**. 2016. 100f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Palmas, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/200/1/Genick%20Mbaki%20Masongele%20-%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

OLIVEIRA REIS, Celso Ronald. **Macaco Branco na Selva Negra: A Eugenia como Efeito Narrativo em Três Filmes de Tarzan**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2019. Disponível em: < https://portal.anhembi.br/wp-content/uploads/2022/05/Dissertacao_CELSO-RONALD-DE-OLIVEIRA-REIS.pdf >. Acesso em: 04 fev. 2023.

OLIVEIRA, Lucimar Pereira de. AS VEIAS DO COLONIALISMO IMPERIALISTA E ANTICOLONISMO EM O CORAÇÃO DAS TREVAS DE JOSEPH CONRAD. **Revista de**

Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade-Igarapé, v. 12, n. 2, 2019. Disponível em: < <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/4667/3026> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Nuevos Mundos** [Online]. Debates. 2006. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

REGO, Eduardo de Carvalho. Origens históricas do Leviatã: análise contextual sobre o papel da Revolução Inglesa na obra de Thomas Hobbes. In: **Encontro Nacional do CONPEDI - UFS (História do Direito)**, n.º XXIV, 2015, Aracaju, SE Publicações [...]. Disponível em: < https://www.academia.edu/19711582/Origens_hist%C3%B3ricas_do_Leviat%C3%A3_an%C3%A1lise_contextual_sobre_o_papel_da_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Inglesa_na_obra_de_Thomas_Hobbes?auto=citations&from=cover_page >. Acesso em: 04 fev. 2023.

REIS, Fernanda **É possível contar a história do Tarzan sem ser racista?**. Risca Faca, 2016. Disponível em: < <https://riscafaca.com.br/cinema/a-lenda-de-tarzan/> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVA, Adriano Correia. Arendt sobre Hobbes como o verdadeiro filósofo da burguesia. 2015. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERThesis**. 2015, v. 12, n. 01. Disponível em: < <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/18008/5/Artigo%20-%20Adriano%20Correia%20-%202015.pdf> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

SILVA, Maria Edneusa Pereira. Tarzan: representações e estereótipos. In: **Anais do VI Congresso Sergipano de História e VI Encontro Estadual de História da ANPUH/SE**. 2018. Disponível em: < http://www.encontro2018.se.anpuh.org/resources/anais/8/1540907816_ARQUIVO_Representacoes_eesterotipias3.pdf >. Acesso em: 04 fev. 2023.

SOUZA CORREA, Sílvio Marcus de. A ANTROPOFAGIA NA ÁFRICA EQUATORIAL: ETNO-HISTÓRIA E A REALIDADE DO(S) DISCURSO(S) SOBRE O REAL. **Afro-Ásia [en línea]**. 2008, (37), 9-41. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77013085001> >. Acesso em: 04 fev. 2023.

UNESCO. **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935.** Editado por Albert Adu Boahen. 2.ed.rev, Brasília: Unesco, 2010.

Recebido em: 13/02/2023 / Aprovado em: 12/12/2023